

CMUHE041315

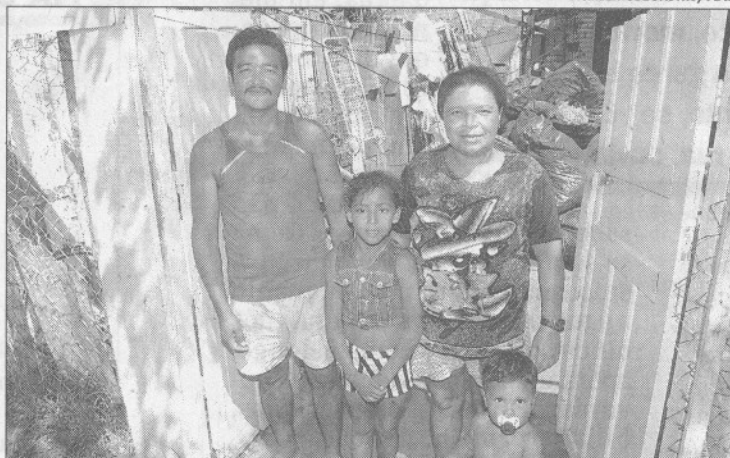
VÍTIMA de enchente de 97 ganha emprego. Correio Popular,
Campinas, 25 fev., 2003.

Vítima de enchente de 97 ganha emprego

RONALDO FARIA

Da Agência Anhangüera
rfaria@rac.com.br

Pelas bandas da favela do Jardim do Lago 2 sorriso de felicidade é uma coisa rara. Contudo, ontem, Ailton Félix e sua mulher Fernanda aproveitaram a manhã de sol para interromper a catação de papelão e ferro e voltar a acreditar no ditado popular que diz que depois da tempestade sempre vem a bonança. Os dois, personagens de uma tragédia nas chuvas de 1997, quando perderam um casal de filhos e uma sobrinha para as águas do Córrego Taubaté, que passa ao lado da favela, tinham a direção de um ponto de ônibus como meta. No fim do itinerário, um emprego de lavador de carro para Ailton. No domingo, uma leitora do **Correio Popular**, Eunice Rodrigues Souza, conseguiu realizar o sonho do pernambucano de Salgueiro.



HUMBERTO DE CASTRO/AAN

Ailton com a família: sonho realizado após reportagem

“É bom demais para ser verdade... Pelo menos vamos passar menos necessidade aqui em casa. Só papelão e ferro não está dando. Tem muita gente catando”, afirma Fernanda. Mãe de Maria Aparecida e Maria de Fátima, ela ontem cuidava ainda do filho de uma amiga, afilhado seu. Com o novo emprego de Ailton, Fer-

nanda pensa inclusive em deixar, um dia, a casa meio escondida num fundo de viela da favela. Mas, por enquanto, saber que o sonho do marido está sendo realizado, já basta: “Num tempo desses, com tanto desemprego, é uma bênção de Deus!”, comemora.

Bênção que Ailton, de 31 anos e analfabeto, com dez anos

de Campinas, nem acreditava mais. Afinal, ele veio com a família para a cidade sonhando em mudar de vida. Mas só tinha encontrado dor e desilusão. Agora, de personagem de uma reportagem sobre tragédias com a chuva, ele passa a funcionário de posto de gasolina. E melhor, lavando carros. “É o emprego que eu queria. A melhor coisa da vida. Agora vou poder dar assistência à minha mulher e minhas filhas”, diz exultante.

O certo é que a vida do casal pernambucano, cercado de parentes e amigos na viela da favela, vai continuar com o retrato do filho Alex, que tinha seis anos ao morrer afogado, como verdadeiro amuleto de que a vida tem suas histórias de estaque. Mas, é certo também, que o instantâneo não precisa ser apenas de dor e miséria. “Hoje estou mais feliz. E juro que não esperava ter um serviço assim por aqui”.